

Índice

Prefácio	9
Agradecimento	18
Referências	18

História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores

1. O Problema do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores	23
2. Método de Investigação	66
3. Análise das Funções Psíquicas Superiores	124
4. A Estrutura das Funções Psíquicas Superiores	151
5. Génese das Funções Psíquicas Superiores	173
6. Desenvolvimento da Linguagem Oral	209
7. Pré-História do Desenvolvimento da Linguagem Escrita	225
8. Desenvolvimento das Operações Aritméticas	253
9. Domínio da Atenção	259
10. O Desenvolvimento das Funções Mnemónicas e Mnemotécnicas	297
11. Desenvolvimento da Linguagem e do Pensamento	317
12. Autocontrolo	339
13. Educação das Formas Superiores do Comportamento	359
14. O Problema da Idade Cultural	373
15. Conclusões	387
Bibliografia	405

CAPÍTULO 1

O Problema do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores

«Cada vez mais, as leis eternas da natureza transformam-se em leis da história.»

F. Engels¹

A história do desenvolvimento das funções psíquicas superiores é uma área da psicologia totalmente inexplorada. Apesar da enorme importância que tem o estudo dos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores para a compreensão e a explicação apropriada de todos os aspetos da personalidade da criança, as suas fronteiras, até ao momento, não foram definidas, e tão-pouco se tomou consciência dos principais problemas metodológicos, das tarefas e hipóteses de trabalho que se levantam aos investigadores. Do mesmo modo, não foi elaborado um método de investigação adequado e desenvolvido para os princípios da teoria, tal como também não foram definidos os contornos desta área de estudo, nem foi encontrada uma hipótese de trabalho que auxiliasse o investigador a compreender e a interpretar os factos e a observar a conformidade das leis no decurso da investigação.

Acresce ainda que o conceito de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, para nós um dos conceitos centrais da psicologia genética, bem como o seu uso na psicologia da criança, é, até ao momento, ambíguo e incerto. Este conceito não foi suficientemente circunscrito em relação a conceitos adjacentes e similares; os seus contornos semânticos revelam-se quase sempre vagos e o seu sentido tem sido insuficientemente definido.

1 Karl Marx, F. Engels, *Obras Completas*, vol. 20, p. 553 (em russo).

Perante tal situação, torna-se evidente o que tem de ser feito. Em primeiro lugar, devemos destacar os conceitos fundamentais, revelar os principais problemas e tornar claras as tarefas mais relevantes que se impõem à investigação. Tal como seria impossível investigar numa nova área sem o esclarecimento exato das questões às quais se deve dar resposta, esta monografia, consagrada à história do desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança e representando a primeira tentativa de descrição teórica sistemática de muitas investigações parcelares nesta área, deve partir de uma compreensão clara do seu objeto de estudo.

O problema torna-se ainda mais complexo quando observamos que para a definição do seu objeto se exige uma modificação eficaz do ponto de vista tradicional de análise do processo de desenvolvimento psicológico da criança. A alteração do ponto de vista em que frequentemente se baseiam as observações dos factos relativos ao desenvolvimento psicológico é condição imprescindível para que se possa analisar convenientemente os problemas que nos interessam. É mais fácil assimilar mil factos novos em qualquer âmbito do que definir um novo ponto de vista sobre factos já conhecidos. Entretanto, muitos e muitos factos que entraram firmemente no sistema da psicologia da criança e que nela encontraram um lugar, quando arrancados das suas raízes e contextos habituais, e quando abordados a partir da perspectiva das funções psíquicas superiores da criança, apresentam-se sob uma nova luz, sem que contudo disso se tenha tomado consciência. A dificuldade do nosso problema não se centra na falta de elaboração de novas questões, mas na sua abordagem falsa e unilateral, sujeitando os factos acumulados durante décadas à inércia de uma falsa interpretação, que se mantém nos nossos dias.

A conceção tradicional sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é unilateral e errónea porque, antes de tudo, é incapaz de considerar estes factos como pertencentes ao desenvolvimento histórico e porque os avalia unilateralmente como formações naturais, confundindo o natural e o cultural, o natural e o histórico, o biológico e o social no desenvolvimento psicológico da criança; em síntese, revela uma compreensão totalmente inadequada sobre a natureza dos fenómenos de que se ocupa e que estuda.

Há numerosas investigações específicas e excelentes monografias que tratam diferentes aspetos, problemas e momentos do desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança: a linguagem verbal e o desenho infantil, o domínio da leitura e da escrita, a lógica e a

mundividência, o desenvolvimento das representações e das operações numéricas, incluindo a psicologia da álgebra e a formação de conceitos que foram frequentemente objeto de pesquisas modelares. No entanto, todos estes processos e fenômenos, todas as funções psíquicas e as formas de comportamento, têm sido estudados a partir do seu lado natural e na sua essência, e investigados a partir da perspectiva dos processos naturais que os constituem e os integram.

As funções psíquicas superiores e as formas culturais complexas do comportamento, com todas as peculiaridades, funcionamento e estrutura que são sua característica, com toda a singularidade do seu trajeto genético, desde o seu aparecimento até ao seu completo amadurecimento ou extinção, com todas as leis específicas a que estão sujeitas, permaneceram à margem do campo de visão do investigador.

Estas formações e estes processos superiores dividiam-se nos seus elementos constituintes, perdendo deste modo o seu carácter estrutural unitário. Reduziam-se a processos de ordem mais elementar, de índole subordinada, que cumpriam uma certa função no que respeita ao todo de que faziam parte. Como organismo fracionado nos seus elementos, revelam a sua constituição, mas não as suas propriedades e as suas leis organicamente específicas. Essas formações psíquicas complexas e íntegras perdiam a sua qualidade maior, deixavam de ser elas mesmas quando reduzidas a processos mais elementares.

Onde mais se sentiu negativamente este tipo de abordagem foi no tratamento do problema do desenvolvimento psicológico da criança, uma vez que o próprio conceito de desenvolvimento se distingue radicalmente de uma conceção mecanicista, onde um processo psicológico complexo é considerado resultado de outras partes ou elementos isolados, à semelhança de uma soma que se obtém a partir da adição aritmética de diferentes parcelas.

Devido a este modo predominante de abordar os problemas do desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança, como regra adotou-se a análise de uma forma de comportamento concreto, em vez de se compreender a génese dessa forma de comportamento. Muitas vezes, o estudo da génese do comportamento foi substituído pela análise de uma forma complexa do comportamento em diferentes estádios do seu desenvolvimento, dando assim a ideia de que se desenvolve não a forma na sua unidade, mas os seus elementos isolados que, finalmente, configuram em cada etapa uma e outra fase do desenvolvimento da referida forma de comportamento.

De modo mais direto, o próprio processo de desenvolvimento das formas complexas e superiores do comportamento, a partir desta abordagem, ficava metodologicamente por esclarecer e sem compreensão. Como é comum, os dados relativos à gênese foram substituídos por dados puramente externos, mecânicos e cronológicos quando surgia um ou outro processo psicológico superior numa idade determinada. Assim, por exemplo, a psicologia deu a conhecer que a formação dos conceitos abstratos se configura na criança, de modo claro, aproximadamente aos 14 anos de idade, do mesmo modo que os dentes de leite são substituídos pelos definitivos por volta dos 7 anos. Mas a psicologia não conseguiu explicar por que razão é que a formação dos conceitos abstratos se relaciona precisamente com essa idade, nem a partir de quê, ou como surge e se desenvolve.

A comparação que acabamos de fazer não surge por acaso: responde ao verdadeiro estado da arte da psicologia da infância. A psicologia não conseguiu explicar até agora, de forma clara e consistente, as diferenças entre os processos orgânicos e os processos culturais de desenvolvimento e maturação — essas duas linhas genéticas de diferente essência e natureza e, por conseguinte, regidas por leis distintas, às quais está subordinado o desenvolvimento do comportamento da criança.

A psicologia da criança, a anterior e a atual, é exatamente caracterizada pela tendência inversa: pretende situar numa só linha os factos do desenvolvimento cultural e orgânico do comportamento da criança, considerando que uns e outros são fenómenos da mesma ordem, de idêntica natureza psicológica, com leis que se organizam pelo mesmo princípio.

Podemos encerrar o círculo da nossa descrição crítica relativamente à abordagem tradicional do desenvolvimento cultural e voltar ao ponto de partida, indicando de que modo, e a que preço, conseguiu a psicologia da criança reduzir os dois pontos de vista de diferentes fenómenos e leis a um só: tal foi conseguido à custa da renúncia ao estudo das leis específicas de uma só orientação, através da redução dos complexos processos psicológicos a processos elementares e do estudo unilateral das funções psíquicas, consideradas unicamente a partir do seu carácter natural.

Nos capítulos dedicados à análise e ao esclarecimento da estrutura funcional e da gênese das formas de comportamento humano, estudaremos, especialmente, o problema do todo e das partes aplicado ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores, assim como o problema da redução das formas superiores de comportamento às elemen-

tares. É nossa intenção explicar teoricamente as regularidades específicas mais importantes do processo de desenvolvimento psicológico da criança, tal como se esboçaram na investigação que se ocupa das funções psíquicas principais. O nosso raciocínio abstrato poderá então concretizar-se e corporizar-se em factos científicos.

Por agora, o único e imediato propósito que temos na nossa formulação é o de confrontar dois pontos de vista principais sobre o processo de desenvolvimento psicológico da criança. O primeiro predominou durante todo o período de existência da psicologia da criança, isto é, de modo tácito, não expresso e não formulado por ninguém; não obstante, continua a ser a premissa em que se baseiam todas as investigações; encontra-se hoje invariavelmente nas novas investigações e está tacitamente presente em cada página de qualquer manual de psicologia dedicado ao estudo do desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

O segundo ponto de vista foi preparado por todo o desenvolvimento prévio do problema: todo o material acumulado de factos, todas as contradições e «becos sem saída» que levaram os investigadores ao velho ponto de vista, a enorme quantidade de problemas não resolvidos no anterior plano de questões, o emaranhado de factos que durante décadas foi crescendo e se foi acumulando sob uma base falsa, todo o percurso da crise da psicologia, os êxitos de outros domínios da psicologia genética, a psicologia animal e a psicologia dos povos primitivos e, finalmente, a implantação do método dialético na psicologia.

Mas este segundo ponto de vista, por aquilo que sabemos, não foi exposto nem formulado de modo claro e cabal. No desenrolar da nossa exposição trataremos de reunir e apresentar todos os indícios para a elaboração de uma nova interpretação da história do desenvolvimento cultural da criança, todos aqueles elementos da fórmula metodológica que se encontram dispersos na obra de alguns investigadores. Mas a junção de todo este material reunido constitui aquilo de que precisamos e que pode servir como ponto de partida da nossa investigação. Por isso, devemos tentar explicitar mais a essência de um ou outro aspeto da nossa própria pesquisa e, ao mesmo tempo, estabelecer o ponto de partida da nossa própria investigação.

Como já referimos, o primeiro ponto de vista caracteriza-se por três momentos: o estudo das funções psíquicas superiores a partir dos processos naturais que as integram; a redução dos processos superiores e complexos a processos elementares; e o desinteresse pelas peculiaridades e pelas leis específicas do desenvolvimento cultural do comporta-

mento. Estes momentos específicos estão também presentes na velha psicologia empírica subjetiva e na nova psicologia objetiva, no behaviorismo americano e na reflexologia russa.

Apesar das profundíssimas diferenças de princípio entre a velha e a nova psicologia, que, nem por um instante, devem ser ignoradas, ambas as teorias se unem num momento metodológico formal e comum já assinalado por numerosos investigadores. Esse momento consiste em que ambas as correntes psicológicas partilham a mesma atitude analítica na identificação das tarefas impostas à investigação científica, nomeadamente com a divisão do todo em elementos primários, com a redução das formações e das formas superiores às inferiores, com o abandono do problema qualitativo que não pode reduzir-se a diferenças quantitativas; isto é, ambas as correntes coincidem no seu pensamento científico não-dialético.

A velha psicologia subjetiva considerava que a tarefa fundamental da investigação consistia na obtenção de elementos primários das impressões que encontrava nos fenómenos psicológicos elementares, a partir da abstração (tais como as sensações, o sentimento de prazer-desprazer e o esforço volitivo), ou bem nos processos e funções psíquicas elementares extraídos pela mesma via, como a atenção e as associações. Os processos superiores, complexos, eram fragmentados nos seus elementos constituintes, sendo reduzidos completamente a combinações no que respeita à sua forma e nível de complexidade das vivências ou dos processos primários. Assim surgiu um enorme mosaico de vida psíquica formado por segmentos diversos de vivências, um grandioso quadro atomístico do fracionado espírito humano. Mas a nova psicologia, a objetiva, não conhece outra via para o conhecimento do todo complexo que não seja a da análise e a da fragmentação; apenas sabe elucidar o conteúdo e dividi-lo em elementos. A reflexologia fecha os olhos perante a peculiaridade qualitativa das formas superiores do comportamento; para ela não existem diferenças fundamentais entre estas e os processos inferiores, elementares. Em geral, todos os processos do comportamento se decompõem em reflexos associativos que se distinguem pela duração e pelo conjunto das ligações da cadeia, inibidos em alguns casos e não revelados externamente. O behaviorismo opera com unidades de índole algo distinta, mas, se na análise reflexológica das formas superiores de comportamento substituirmos umas unidades por outras, se em lugar de reflexos falarmos em reações, teremos um quadro muito semelhante às análises realizadas pela psicologia objetiva.